



EDIÇÃO Nº 14
JULHO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/05/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2014

A VISÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DO ENSINO DA LÍNGUA

Patricia Damasceno Fernandes¹

UEMS

Natalina Sierra Assêncio Costa²

UEMS

RESUMO: a maneira pela qual a língua chega ao conhecimento dos falantes cria uma concepção a respeito dela, esta pode levar o falante tanto para um caminho que irá conter uma visão limitada, quanto uma visão adequada à verdadeira realidade da língua. O uso da gramática normativa como recurso único no ensino da língua, leva os alunos a conhecerem regras e a língua padrão, que irá ser de grande contribuição para a vida escolar e profissional deles, irá facilitar conhecimento de como deve ser o comportamento e linguagem em locais que exigem grande formalidade, mas não será suficiente para contemplar todos os contextos de fala e escrita. A língua padrão não figura em todos os ambientes linguísticos, há também a variação linguística. Os diferentes falares brasileiros são exemplos da diversidade social que existe em nosso país e é de grande importância, que o falante tenha domínio da linguagem popular, para que possa interagir utilizando essa modalidade da língua quando necessário. Conhecer apenas uma das modalidades pode alimentar o preconceito linguístico, que é quando se supervaloriza uma norma e se estigmatiza a outra. Uma educação igualitária e de qualidade prima por ensinar tanto da variação linguística quanto da gramática normativa, além disso, seria necessário levar essa estratégia à todas as esferas sociais não apenas à elite. A sociolinguística por meio de seus estudos vem mostrar à sociedade a importância da junção da variação linguística com a gramática normativa a fim de proporcionar uma visão mais completa da língua. Este artigo tem por objetivo fazer algumas reflexões sobre o ensino da língua portuguesa contemplando a modalidade padrão e a variação linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua; Gramática Normativa; Variação Linguística.

ABSTRACT: the way in which language comes to the knowledge of the speakers creates a conception hers relative, this may lead the speaker to a path that will contain a limited view, as an adequate view to the true reality of the language so much. Use of the normative grammar as a single feature in language teaching takes students know the rules and the default language that will be a great contribution to their school and professional life, will facilitate understanding of how to be the behavior and language sites that require big fuss, but will not be sufficient to cover all contexts of speech and writing. The default language does not appear in all language environments, there are also linguistic variation. Different Brazilians speak are examples of social diversity that exists in our country and is of great importance, that the speaker has the field of popular language, so you can interact using this type of language when necessary. Knowing just one of the ways you can feed the linguistic prejudice, which is a standard when overvalues and stigmatizes the other. An equal and quality educational materials for teaching both language variation when the normative grammar, moreover, would be necessary to bring this strategy to all walks of life not just the elite. The sociolinguistics through their studies goes to show the importance to society of the junction of linguistic variation with the grammar rules in order to provide a more complete picture of the language. This article aims to make some reflections on the teaching of Portuguese language contemplating the default mode and linguistic variation.

KEYWORDS: Language Teaching; Normative Grammar; Linguistic Variation.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: damasceno75@gmail.com

² Professora Doutora em Letras pela USP/SP. Docente da Graduação e da Pós-Graduação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Campo Grande. E-mail: natysierra2011@hotmail.com

Introdução

A variação linguística e a gramática normativa são pilares fundamentais para o ensino da língua portuguesa. Existem duas concepções a respeito desses pilares, a primeira defende que a gramática normativa deve ser aplicada ao ensino e que somente a norma padrão é aceita e que as demais são consideradas “erradas”.

A segunda concepção se refere à variação linguística, considerando importante tanto a gramática normativa quanto a diversidade linguística da sociedade para o ensino, pois ambas fazem parte da língua.

A problemática em torno desses dois lados do ensino da língua se dá a partir do momento em que se utiliza apenas um dos pilares e deixa-se de lado o outro, fazendo então, com que uma lacuna se forme no aprendizado dos alunos.

A variação linguística é um fenômeno natural inerente à língua. As línguas mudam diariamente, variam no espaço, no tempo e nos grupos sociais. Se compararmos a fala de pessoas de faixas etárias diversas, perceberemos as diferenças linguísticas entre elas; quando fazemos a leitura de um livro antigo sentimos dificuldades em relação à linguagem, pois vivemos em uma época que não é a mesma em que o livro foi escrito.

Por outro lado a gramática normativa ocupa um papel de extrema importância na sala de aula, pois embora estejamos fazendo uso frequente das variações, ao escrevermos uma redação, uma carta, um ofício, numa entrevista de emprego, entre diversas outras situações, precisamos fazer uso da gramática normativa.

Outra grande contribuição da gramática normativa para a sociedade é que ela procura tornar a língua uniforme, padronizada, para ser utilizada em contextos específicos em sociedade, viabilizando uma comunicação adequada. É indispensável considerar o contexto de formalidade da linguagem, pois assim se saberá qual modalidade da língua usar: a formal ou a informal.

Seria então, papel da escola procurar formas de ensino aprendizado que contemplem a junção da gramática normativa com a variação linguística, isso traria grandes benefícios aos alunos proporcionando uma visão mais completa e consciente sobre a língua.



A Língua: Um Fenômeno Heterogêneo

A heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes linguísticas correspondem às diversidades dos grupos sociais e a sensibilidade que eles mantêm em termos de uma ou mais normas de prestígio.

De acordo com Callou & Leite (2002) a diversidade que existe na língua portuguesa reflete uma pluralidade cultural, não se pode presumir para expansão do português no Brasil uma única forma linguística, pois a época em que se deu a colonização, a origem dos colonizadores e as consequências de um contato heterogêneo são aspectos que devem ser levados em consideração.

[...] um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas (CASTILHO, 2000, p. 12).

Castilho vem nos dizer então, que a língua é historicamente situada e heterogênea, isto é, está sujeita a variações e mudanças no espaço e no tempo. Ou seja, a língua é um sistema de regras variáveis e próprias, sendo passível de sistematização e descrição.

A língua falada pode a princípio como diz Tarallo (2007), parecer um verdadeiro caos linguístico, no entanto, é organizável, a variação não ocorre de maneira aleatória, as regras não são quebradas pelos falantes da língua, um exemplo disso é que podemos realizar a frase:

a) “As menina bonita.”

(onde representamos o plural no primeiro elemento da frase e suprimimos nos demais).

Já a frase:

b) “A meninas bonita.”

(não pode ser realizada pelos falantes da língua, porque se tivermos que suprimir o plural de algum dos elementos não será o primeiro).

O quadro abaixo apresenta os principais tipos de variação na língua:

Tipo de Variação	Características
Varição diastrática	Varição de patamar social
Varição diacrônica	Variações por período de tempo
Varição diatópica	Variações por lugares ou regiões
Varição diamésica	Varição entre língua oral e língua escrita
Varição diafásica	Varição individual de cada falante da língua de acordo com o grau de monitoramento em determinada situação.

A variação linguística não é privilégio da língua portuguesa, ela está presente em todas as línguas do mundo, e torna a língua mais rica, porque coloca a disposição de seus falantes várias possibilidades de se expressarem no momento da comunicação.

A escala que varia continuamente do mais informal para o mais formal chama-se registro, e de acordo com essa forma de registro o falante utilizará a variante correspondente ou adequada ao grupo linguístico que está interagindo e a situação e que está vivenciando.

Representação da escala de registro:



Fica então, sobre responsabilidade do falante saber utilizar a variedade linguística respectiva à situação comunicativa. Cada pessoa domina um repertório verbal, que inclui línguas padrão escritas,



variedades não-padrão (regionais ou étnicas), gêneros textuais, gêneros de fala, registros, jargões e línguas estrangeiras, que ela pode usar conforme a necessidade.

A Norma

Quando falamos de gramática normativa automaticamente nos voltamos para a palavra “norma”. A noção de norma corresponde à regra, isto é, trata-se de uma prescrição de regras a serem seguidas, que caso seja quebradas o usuário da língua poderá cometer um “erro” gramatical. De acordo com o *Dicionário de Linguística e Gramática*, de Mattoso Camara Júnior (1986, p. 177), a palavra *norma* é apresentada como o “conjunto de hábitos vigentes no lugar ou na classe social mais prestigiosa no País”.

A gramática normativa é assim definida: “Uma disciplina, didática por excelência, que tem por finalidade codificar “o uso idiomático”, dele induzindo, por classificação e sistematização, as normas que, em determinada época, representam o ideal da expressão correta”. (ROCHA LIMA, 1991, p.7).

Em uma sociedade tão diversificada como a nossa, não existe apenas uma norma, e sim várias, as regras são selecionadas a partir do uso linguístico. “Conhecer uma língua não é apenas conhecer as formas engendradas pela gramática, mas também o valor social atribuído a elas.” (ORLANDI, 1987, p. 102).

Assim, as diferentes comunidades de fala utilizam diferentes normas linguísticas.

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso. (LABOV, 1972, p.120-121).

A norma a ser utilizada irá depender do usuário da língua, ou da comunidade de fala que irá eleger a norma de acordo com a necessidade.



A Visão Sociolinguística

A linguística busca observar e descrever os fenômenos linguísticos das línguas. A sociolinguística é subárea da linguística e estuda a língua em uso correlacionando-a a aspectos linguísticos e sociais. O objeto de estudo da sociolinguística é exatamente a variação, que é suscetível a análise científica, sendo influenciada por fatores estruturais e sociais.

É que é impossível desvincular a língua de sua função sócio-comunicativa e a distinção entre Linguística e Sociolinguística torna-se pouco relevante, sendo necessária tão somente para fins didáticos. Entende-se, então, a Sociolinguística como um espaço de investigação interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre a língua e a sociedade, focalizando precipuamente os empregos concretos da língua. (COSTA, 2002, p.38).

Assim, os processos de mudanças que ocorreram e ocorrem ao longo do tempo e no cotidiano, em uma comunidade que compartilha traços linguísticos que a distingue de outra comunidade, são de fundamental importância para a sociolinguística.

O linguísta Willian Labov nos faz a seguinte afirmativa:

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralinguísticos (LABOV, 1968, p. 241).

Então, para Labov, dois aspectos devem ser discutidos a respeito da natureza da linguagem: o caráter social dos fatos linguísticos e a variabilidade a que tais fatos se submetem.

Para nós, falantes da língua, trabalhar com a variação linguística na escola é uma forma de contribuir para que os alunos respeitem a diversidade linguística existente no país, diminuindo assim o preconceito linguístico.



Simplesmente não existe erro em língua. Existem, sim, formas de uso de línguas diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical. No entanto, essas formas diferentes, quando analisadas com critérios, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes. (BAGNO, 2001, p.25-26).

É justamente as diferentes formas de uso da língua, ou seja, a variação linguística, que irá trazer para o universo do aluno, informações novas sobre a língua, se saberá por exemplo, que a língua portuguesa nem sempre teve todas as palavras escritas como são hoje, que passou por transformações desde sua origem e que essas transformações se deram por meio da sociedade, mescla entre diferentes povos, culturas e línguas.

A variação linguística é assim definida

Conjunto das diferenças de realização linguística (falada ou escrita) pelos falantes de uma língua, decorrentes do fato de o sistema linguístico não ser unitário, pois que comporta diversos eixos de diferenciação: estilístico, regional, sociocultural, ocupacional e etário [ocorre em todos os níveis do sistema linguístico: fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical.]. (HOUAISS, 2001, p.2830).

De acordo com Tarallo (2007, p. 08) as variantes linguísticas são as várias maneiras de dizer uma coisa, sendo o contexto e o valor de verdade os mesmos. Dentro das concepções sociolinguísticas a variação é vista como uma característica da língua. “[...] a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a ausência de variação no sistema o que necessitaria ser explicitado”. (MONTEIRO, 2000, p.57).

A variação linguística é imprescindível no processo de mudança linguística. Sempre existirão em uma comunidade formas linguísticas diferentes que se referem a mesma maneira de denominar as coisas, essas duas ou mais formas serão concorrentes, chegará um momento em que uma delas se tornará mais prestigiada e a outra perderá seu lugar, quando isso acontecer haverá uma mudança linguística.

As variantes de uma língua ficam sempre em movimento de concorrência uma com a outra, a disputa ocorre assim: padrão *versus* não padrão, conservadora *versus* inovadora, de prestígio *versus* estigmatizada.



A variante padrão é aquela utilizada pela elite, pessoas que possuem níveis de escolaridade elevados, ocupando posições sociais privilegiadas, por conseguinte, mais próxima da gramática normativa.

Os alunos chegam à escola já com uma bagagem de língua, que adquiriram em seu grupo linguístico social e aprender a gramática normativa, a língua padrão irá contribuir em massa para seu desenvolvimento como cidadão, porque ao aprender sobre sua língua materna também se aborda sobre aspectos culturais de sua nação.

A escola como um todo harmônico e cada matéria como um componente desta orquestra têm como escopo e fim essencial a cultura integral dos educandos. A tarefa do professor de língua materna no que tange à execução de uma política de educação linguística deve ampliar-se e enfileirar-se no rol dos componentes curriculares que permitam chegarem os alunos a essa cultura integral de que falam muitos programas de ensino secundário. Desde logo, convém ressaltar que não é só através da aula de língua portuguesa que o aluno chegará a essa cultura integral; todas as matérias que lhe são ministradas concorrem para esse objetivo maior. Mas acreditamos que é na aula de língua portuguesa que se abre maior espaço para tais oportunidades. Ao entrar no mundo maravilhoso das informações que veiculam os textos literários e não-literários, modernos e antigos, terá o professor de língua materna a ocasião propícia para abrir os limites de uma educação especificamente linguística. Compete-lhe primeiro ministrar aos seus alunos conteúdos capazes de levá-los à compreensão do mundo que os cerca, nos mais variados campos do saber. (BECHARA, 2006, p.08).

A visão sociolinguística a respeito da gramática normativa e a variação linguística é de que ambas podem ser aplicadas na educação de maneira complementar, para que a aquisição do conhecimento não seja de forma limitada e o falante saiba se utilizar dos recursos linguísticos de acordo com o grupo de pessoas que está interagindo e com o contexto em que está inserido.

O Papel do Professor no Combate ao Preconceito Linguístico

Somente iremos mudar a história do preconceito linguístico, quando mudarmos de atitude em relação a ele, e iniciarmos os trabalhos pela base, ou seja, pela escola.

Os alunos são os futuros profissionais e cidadãos que estarão convivendo em sociedade, lidando diretamente com a diversidade de nossa língua materna.

Os parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio + (PCN+) – Linguagens, Códigos suas Tecnologias situam os professores e a escola sobre um dos conceitos defendidos pela sociolinguística:

A compreensão do contexto em que se produzem os objetos culturais concretizados nas linguagens, hoje ou no passado, assim como o caráter histórico da construção dessas representações, é fundamental também para que o funcionamento das linguagens seja entendido, investigado e compreendido na sua perspectiva social, não apenas como manifestações isoladas de um indivíduo, de uma classe. As competências gerais previstas no eixo da Contextualização Sociocultural dão conta desses aspectos, favorecendo o conhecimento efetivo, significativo e crítico que a escola pretende que seus alunos construam ou adquiram. Exemplificando:

– o conhecimento de alguns conceitos de sociolinguística é essencial para que nossos alunos não criem ou alimentem preconceitos em relação aos falares diversos que compõem o espectro do português utilizado no Brasil. (BRASIL 2002, p. 27).

Os professores podem combater o preconceito linguístico, não alimentando esse preconceito, não inferiorizando os alunos que vêm de casa com sua bagagem de língua materna.

Bortoni destaca algumas ações realizadas pelo professor que podem conduzir o aluno para o entendimento da existência da norma padrão e da norma considerada não padrão:

Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a identificação da diferença e a conscientização da diferença. A identificação fica prejudicada pela falta de atenção ou pelo desconhecimento que os professores tenham a respeito daquela regra. Para muitos professores, principalmente aqueles que têm antecedentes rurais, regras do português próprio de uma cultura predominantemente oral são “invisíveis”, o professor as tem em seu repertório e não as percebe na linguagem do aluno, especialmente em eventos de fala mais informais. [...] a conscientização- suscita mais dificuldades. É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.42).

Existem muitas maneiras de agregar ao ensino em sala de aula, a variação linguística, trabalhando com obras literárias regionais, músicas, pesquisas, isso enriquece o conhecimento do aluno sobre a língua e aguçar a curiosidade deles.



Infelizmente, na realidade a escola é uma grande disseminadora dos preconceitos em relação, sempre contribuiu para a manutenção do poder das classes dominantes. “o mito da privação verbal é extremamente perigoso, porque desvia a atenção das verdadeiras falhas de nosso sistema educacional para defeitos que não existem nas crianças (LABOV, 1994, p. 202)”.

Muitas pessoas só passam a conhecer a língua mais amplamente, quando chegam à universidade, pois na escola, são limitadas a estudarem a existência e valorização apenas da gramática normativa e norma padrão.

Tanto a escola quanto o professor devem ter consciência do seu papel na sociedade, ajudar o aluno a ter acesso um ensino de qualidade, eficiente, que prepare os alunos para os desafios ao longo de suas vidas.

Considerações Finais

A língua portuguesa pressupõe diversidade desde o momento da colonização, nossa língua é fruto da mescla da língua do colonizador, das línguas indígenas, africanas e também dos imigrantes, então, seria espantoso se língua se apresentasse de maneira única.

Apesar da heterogeneidade a língua não deixa de ter uma unidade, pois possui regras que a torna uniforme tanto na escrita quanto na oralidade.

O preconceito linguístico é algo que sempre esteve presente em nossa realidade, tanto escolar quanto social. O que motiva este preconceito em parte é a falta de conhecimento das pessoas a respeito de sua própria língua, é a intolerância que muitas pessoas têm com aquilo que é diferente daquilo que estão acostumadas em seu cotidiano.

Para mensurarmos o quanto a abordagem da variação linguística é deixada de lado no ensino regular, basta olharmos para nossa própria vida escolar e lembramos quantas vezes em nossas aulas o assunto variação linguística apareceu.

Sabe-se que a desconstrução da concepção de língua que está tão enraizada em nossa sociedade não é tarefa fácil, porque não são todos os professores vão ter a iniciativa de mudar sua metodologia de ensino.

Por isso é importante discutir sobre o preconceito linguístico, para que as pessoas saibam que isso existe, e possam ser incentivadas a pesquisarem sobre o assunto e por fim saberem da problemática que gira em torno deste tema.

O domínio do português padrão é um privilégio reservado a poucos membros da sociedade, geralmente a elite, que por isso assegura o seu poder e primazia político-cultural. Seria então, papel da



EDIÇÃO Nº 14
JULHO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/05/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2014

educação de qualidade reconhecer que a existe a diversidade linguística e que ela é importante para a formação do cidadão, assim com o domínio da gramática normativa.

Desta forma, se trabalharia de maneira complementar à gramática com a variação linguística, possibilitando a todos as camadas sociais as mesmas oportunidades de acesso às normas da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Português ou Brasileiro**. São Paulo: Parábola editora, 2001.

BECHARA, E. **Ensino da Gramática Opressão? Liberdade?**- série princípios. Editora Ática. 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna** -a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio (PCN+)** – Linguagens, Códigos suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2002.

CALLOU, D. ; LEITE, Y. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CAMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis, Vozes.1986.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2000.

COSTA, N. S. A. **Língua, Cultura e Sociedade Guató**: universo léxico-semântico da fala indígena. Assis-SP: Editora da UNESP-Assis/SP, 2002.



EDIÇÃO Nº 14
JULHO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/05/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2014

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Editora Objetiva. 2001.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **The Reflection of Social Processes in Linguistic Structures**. In FISHIMAN, Joshua (ed.) *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton. 1968.

_____. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra, 1994.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, São Paulo: Pontes. 1987.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 31. Ed. Rio de Janeiro, José Olympio. 1991.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2007.